

Tomada de Lisboa.—Martim Moniz atravessando-se na porta do castello

Se uma esplendida aurora é o presagio certo de um magnifico dia, eram faceis de prophetisar os grandes destinos de Portugal pela alteza epica das suas primeiras manifestações na scena da historia. Quando, no meio da lucta entre arabes e christãos, uma nova realeza surgiu no occidente das Hespanhas, e desde logo se proclamou independente, e confiou á espada a garantia da coroa, pôde-se ver que rija tempera tinham esses peitos portuguezes, e de quanto seriam capazes esses leões da beira-mar, educados pelo rugido das ondas, criados entre serros e alcantís, e afeitos a manterem á custa da propria vida a sua brava independencia.

Foi uma geração de gigantes essa que fundou o reino de Portugal, e gigante foi principalmente o nobre vulto do homem que levantaram para seu rei, verdadeiro heroe da edade média, sublime de esforço, de constancia e de actividade, não muito provido de escrupulos, terrivel no impeto, e, no meio da sua braveza, insinuante na manha, um homem que até pelos seus defeitos era talhado para o papel que a Providencia lhe distribuíra, e tanto que parece Deus lhe deu larga vida para que amparasse das primeiras tempestades, com o seu amplo e forte escudo, o arbusto real que plantára com a mão possante entre o Mondego e o Minho, e cujas raizes, prolongando-se para o meio-dia, iam minando e alteando o solo convulso onde oscillavam a essa commoção subterranea as quadrellas e barbacãs das fortalezas moiriscas.

Esse homem, esse heroe, foi D. Affonso Henriques, e não nos cega a vaidade nacional quando o apresentâmos como um dos mais nobres vultos da edade mé-

dia e uma das mais grandiosas figuras das Hespanhas. Antes que nós o dissessemos, antes que os historiadores assim o proclamassem, já a voz do povo lhe tinha feito a apotheose, e assegurado nos seus cantos a immortalidade, não só a voz do povo portuguez, mas a voz de todo o povo christão da peninsula, que, reunindo n'um feixe os nomes dos seus heroes nacionaes, collocava ao lado do Cid, de Bernardo del Carpio, do conde Fernão Gonçalves, o vulto de Affonso Henriques [1]. Quando o povo cantava as epicas façanhas d'estes Achilles da Iliada christã, ainda o sentimento religioso dava, mau grado a rivalidades de provincia, uma forte unidade á Hespanha goda. Depois cavaram-se abysmos que separaram para sempre as duas nações peninsulares, oriundas do mesmo berço, creadas na mesma lucta, experimentadas pelas mesmas provações.

Quando Affonso Henriques deixou cair a espada do braço fatigado, quando os seus joelhos enfraquecidos deixaram pela primeira vez de apertar o murzello das batalhas, a independencia portugueza estava inabalavelmente fundada. Que um novo covil de leões se patenteára nos serros do Herminio, disse-o aos califas arabes o refluxo da população musulmana precipitando-se para o sul do Tejo, e abandonando Lisboa e Cintra, a Granada e a Alhambra occidental, aos rudes nazarenos. Mais do que a resistencia intrépida ás pretenções de Leão valeu este primeiro impeto contra os moiros para que se consolidasse na cabeça dos descendentes de Affonso Henriques a coroa por elle conquistada. Não se desarma nem se pune a sentinella que assim afugenta o inimigo; não se despedaça o escudo onde por tal fórma se quebram os virotes dos descridos. Sem contar que a empreza seria difficil para quem a tentasse, como nos recontros com as hostes leonezas já o tinham de sobejo provado os cavalleiros do neto de Affonso VI.

Eram todos dignos d'elle; formavam no seio d'essa heroica Hespanha como que uma phalange escolhida. O enthusiasmo com que haviam tomado a independencia, juntando-se ao ardor pela fé, como que lhes duplicava a bravura e lhes dava a louca intrepidez que distinguia, n'essa quadra de heroes, os membros das ordens religiosas e militares. Os cavalleiros de Affonso Henriques eram os templarios da independencia; proclamando-se livres, tinham de provar a Leão, Castella e Navarra que eram dignos da liberdade; aceitando e reclamando o seu isolamento na vanguarda da Hespanha christã, tinham-se implicitamente obrigado a nunca voltar as costas ao inimigo; e não as voltavam, nem mesmo quando a velhice, alquebrando-lhes as forças, lhes aconselhava o repoiso. Morriam, como o Lidador, a cavallo e no seio das batalhas, aquecendo com o ardor da refrega os regelos dos oitenta annos. Viviam, como almogavares e adaís da Hespanha christã, sempre em correrias, sempre alargando as fronteiras, sempre sulcando, no galope infrene dos cavallos, o solo sarraceno, sempre espreitando as almenaras moiriscas, e estoirando com o montante as portas dos alcaçares. Morriam, como a atalaia, de rosto para o inimigo, e soltando, ao expirar, o grito de alarma; e n'este pelejar sem treguas nem prestavam o ouvido aos rumores das discordias hespanholas; cumpriam o seu dever, avançavam, investiam, ganhavam palmo a palmo o terreno em que haviam de fundar os seus solares, e, no fim d'este combate de dois seculos, paravam a final nas praias do Algarve, encontrando-se cara a cara com o Oceano, cujo marulhar tinham até ahi ouvido sempre á direita, em quanto avançavam na sua bellica peregrinação.

N'essas repetidas pelejas, n'esses combates de todos os dias, que de façanhas se praticaram, que a historia ignora, que a tradição não conta! Quanto heroismo se dispendeu obscuramente, e que rijos golpes resoaram nas armaduras dos sarracenos sem que fossem echoar na posteridade! Só aqui ou além uma ou outra façanha, ou verdadeira ou apocrypha, transpõe as eras, e é transmittida aos vindouros como um specimen do valor portuguez. Está n'esse caso a tão conhecida façanha de Martim Moniz. N'uma das notas da *Historia de Portugal*, o sr. Alexandre Herculano demonstra exuberantemente que a tradição é falsa, e que se funda apenas n'uma palavra do *Nobiliario*. Que importa? Não acceito como pontos de fé, em todo o seu rigor, estas grandes cutiladas de que mad. de Sévigné tanto gostava; acceito-as em globo como a expressão de um facto verdadeiro, a heroicidade quasi sobrehumana d'esse tempo. Os pintores e os poetas que as aproveitem para os seus quadros e os seus poemas: o historiador não tem que descer a analysal-as; nem a sua missão consiste em contar o numero das armaduras rotas pelo Cid, ou em verificar se Martim Moniz se podia ou não atravessar na porta do castello. Essas façanhas são do dominio do romance e do poema, que as inventariam se a tradição lh'as não désse, e que, inventando-as, não falsificariam a historia, porque milhares de factos similhantes se perderam na obscuridade do passado. O heroismo, que pratica actos assim e ainda superiores, o patriotico fanatismo que despreza a morte, eram incontestavelmente o caracteristico d'essa epocha. Á historia séria isso basta; as particularidades são do dominio da arte, e Macaulay não pensa em disputar a Walter Scott as migalhas caídas da mesa historica, e de que elle compoz o seu homerico festim.

Estas palavras não envolvem, comtudo, a minima censura ao sr. Alexandre Herculano, tanto mais que o grande escriptor desterra para uma nota a argumentação com que destroe a tradição da porta do castello. Mas, ainda assim, parece-me que foi conceder demasiada importancia a tão pequeno facto. Da simples narração do cêrco de Lisboa deduziria o leitor de bom senso que a tradição não podia ser exacta. O leitor de bom senso, exclamaria o sr. Alexandre Herculano, *rara avis!* Pois foi só para essas phenix que o sr. Herculano escreveu, e talvez, se não quizesse converter os relapsos, em vez de os ter relaxado ao braço secular da posteridade, que os puniria com gargalhadas, podessemos hoje ter quasi completa a sua magnifica historia.

A tradição é do dominio da arte, disse eu: é, mas não lhe posso tocar. Escolheu-a o sr. Castilho para assumpto de um dos seus bellos *Quadros historicos*, e tratou-a com a magnificencia de estilo que lhe é habitual, e que fez d'esse livro, tambem infelizmente incompleto, um dos primores da nossa litteratura. Mas é arvore defesa aquella em que o sr. Castilho colheu tão ampla abada de flores.

[1] N'um livro curioso impresso em Toledo em 1594, e intitulado *Flor de romances nuevos recopilados de muchos autores por Pedro de Flores, librero*, vem uns versos feitos pelo compilador, em que dá noticia dos romances populares que juntou em ramalhete, colhendo-os ou de folhas impressas, ou mesmo da tradição oral. Numerando os fastos e os heroes de que esses romances tratavam, diz o seguinte:

«Yo junté en el las hazañas
Que en los siglos ya pasados
Hizieron en nuestra España
El Cid, Ordoño y Bernardo.
Pinté destruida España,
Y luego puse el reparo
De muchos grandes varones
Sin los arriba nombrados.
Puse al conde Alfonso Enriquez,
Primer rey de Lusitanos.
Tambien á Fernan Gonzalez
Rasura y Arias Gonzalo.
Puse los hechos famosos
De los Moros Africanos,
Que por años setecientos
Tuvieron nombre de Hispanos.»
Etc.

Como não pude ver o livro, não conheço tambem os romances relativos a Affonso Henriques. O extracto que dei acima vem citado n'um dos appendices da magnifica *Historia da litteratura hespanhola*, do americano Ticknor.

Antes de terminar, chamarei, comtudo, a attenção do leitor para a bella gravura que este artigo acompanha, e cujo desenho original é do sr. Nogueira da Silva. O quadro historico tem sido desprezado em Portugal, e, comtudo, parece que temos talentos capazes de arcarem com as difficuldades que o genero offerece. Demonstra-o mais uma vez esta tentativa do sr. Nogueira da Silva, cujo lapis prestigioso e fecundo nos está sempre preparando surprezas. Se este Portugal não fosse uma terra tão ingrata para as artes, e se o sr. Nogueira da Silva não tivesse de pedir ao trabalho incessante e quotidiano os seus meios de subsistencia, este desenho nos demonstra quanto podiamos esperar do seu incontestavel talento, que mesmo na improvisação, a que é, para assim dizermos, condemnado, se revela com tanto vigor.

M. Pinheiro Chagas.

ABENÇOADOS SEJAM OS QUE PERDOAM

(Vid. pag. 202)

Ia entrando a tarde, e já no terreiro da egreja resoava continuamente o tamboril, se dançava sem descanço, e a concurrencia e a animação eram extraordinarias.

Soledade tambem dançava com D. João, o forasteiro do cavallo negro.

D. João e Soledade conversavam nos intervallos das rodas. Ignorâmos o que o primeiro diria á segunda; mas é certo que Soledade córava a miude e baixava os olhos, nos quaes brilhava, não obstante, a alegria.

Ia já anoitecendo, e a animação na romaria chegava ao cumulo.

Soou o toque da oração vespertina, o tamboril calou-se e suspendeu-se o baile; os homens descobriram a cabeça, e mulheres e homens ficaram immoveis, rezando em silencio as Ave-Marias.

Terminára a romaria, e os romeiros começavam a desfilar por toda a parte, entoando alegres cantares.

— Minha mãe anda já de certo a procurar-me, disse a singela Soledade a D. João, dispondo-se a despedir-se do gentil mancebo.

— Será constante? perguntou-lhe o forasteiro.

— Mais que o sr. D. João.

— Prometto sel-o até á morte.

— Sim?!... Parece-me que em voltando as costas nunca mais se lembrará de mim.

— Offende-me, Soledade, duvidando da minha palavra.

— Quando meu tio tornar a vêl-o com a senhora joven e elegante, contar-me-ha tudo.

— Já lhe disse que seu tio se equivocou.

— Devéras?

— Juro-lh'o...

— Não queira enganar-me.

— Mais depressa faltaria a agua no Oceano que eu faltar á palavra que dei.

— Pois então desejo que volte á nossa aldeia o mais breve possivel.

— Deixo aqui a alma, creia.

— Vejo que lhe é agradavel zombar!

— Vamos, Soledade, que já é hora, disse Catalina, que effectivamente andava procurando a filha e acabava de a ver.

D. João apertou a mão de Soledade. Esta deu-lhe um formoso cravo que tinha na boca, e já lh'o havia pedido antes inutilmente, e lançou-se a correr a reunir-se a sua mãe, em quanto D. João se dirigia para junto do alcaide, que, acompanhado dos vereadores e ao som do tamboril, saía do campo da egreja.

V

Decorreu um anno depois do que referi.

O dia corria muito quente, pois que estava proximo o fim de junho.

Catalina e sua filha iam jantar em uma bella casa, a qual tinha para o norte uma janella cujo toldo era formado por formosa parreira.

Soledade cosia sentada na janella.

— Vamos, minha filha, disse Catalina, deixa-te de costuras e vem jantar.

— Minha mãe, podem ir jantar sem mim, porque não tenho vontade, respondeu tristemente Soledade sem se mover do sitio.

— Porém, minha filha, queres viver do ar como os camaleões?

— Que hei de fazer, minha mãe, se não tenho vontade?

— Minha mãe, disse Miguel, ainda que o medico jure e perjure que minha irmã não está doente, eu creio que está, e não ha remedio senão leval-a outra vez ao medico.

— Iremos com ella a Alonsótegui.

Em Alonsótegui ha um medico chamado Arregui, de quem se contam maravilhas na parte occidental de Biscaya.

Soledade ouviu sua mãe e seu irmão com indifferença.

— Vamos, minha filha, que te parece o projecto de teu irmão?

— Que eu não quero ir a Alonsótegui, porque infunde medo e tristeza andar por aquellas solidões da ribeira do Cadagüa.

— Mas para ti vale tanto ser triste como alegre. Bem alegre esteve a romaria de Santo Antonio, e ninguem te viu este anno dançar nem rir.

Soledade não póde conter as lagrimas, que enxugou com a costura, apparentando inclinar-se para cortar a linha com os alvos e formosos dentes.

— Pois olhe, minha mãe, se ella não quer ir a Alonsótegui, o melhor será leval-a a Bilbáo.

Soledade estremeceu quando seu irmão pronunciou o nome da invicta villa, e os seus olhos brilharam de alegria.

— Que dizes, minha filha? Queres ir a Bilbáo?

— Sim, minha mãe, porque se não me restabelecer alli, verei quando menos os meus tios e primas, que tanto me estimam.

— Ouve, pois. Quando falleceu vosso pae, que esteja em gloria, prometti á Virgem de Begonha ir comvosco a ouvir missa no seu altar, se por sua intercessão me désse o Senhor dez annos de vida para vos criar e educar. Vão completar-se os dez annos, e eu quero cumprir a promessa. Dentro de quinze dias é a festa da Virgem de Begonha, e n'esse dia iremos todos a Bilbáo, ao mesmo tempo veremos um bom medico, e ficarás algum tempo em casa de teus tios, para que possas distrahir-te e melhorar. Agrada-te o meu projecto?

— Sim, minha mãe, respondeu Soledade recuperando de subito a alegria.

Soledade era digna de compaixão. O seu rosto, em outro tempo tão rosado, tão radiante, tão formoso, apresentava os signaes de profundo padecimento, cuja origem debalde tratára de adivinhar o humilde facultativo da aldeia.

— Mas, por Deus! não me dirá o que tem a minha pobre filha, que se vae finando e está sempre triste? perguntava Catalina ao medico.

— Minha senhora, respondia este, sua filha padece uma affecção nervosa.

— Muito mal fazem os nervos.

— Fazem muito mal, sim, minha senhora.

— Mas não ha remedio para elles?

— Faça conta que não: chavanas de tilia, exercicio moderado e distracções, é tudo o que convem a Soledade... Engano-me, pois que outra coisa lhe conviria melhor.

— O quê?

— Casar-se.

— Falle d'isso á filha da minha alma, quando na aldeia não ha um rapaz a quem não tenha destruido todas as esperanças.

Chegou o dia 15 de agosto, e antes do romper d'alva Catalina e seus filhos saíam da aldeia, tomando o caminho de Bilbáo.

Catalina, Soledade e sua irmã mais nova iam em cadeirinhas á moda da provincia, levadas por muares, e Miguel e o outro irmão, ambos gentis e robustos mancebos, caminhavam a pé, cuidando das cavalgaduras.

O sol começava a despontar por cima dos altos montes de cuja falda a Virgem de Begonha vela pela nobre e christã villa que lhe jaz aos pés, prestando-lhe reverente culto.

Prolongado e surdo rumor se ouvia já em todo o delicioso e povoado valle que fecunda o Ibaizabal, e mais além, na direcção d'aquelle oiteiro onde se ergue um monte de ruinas, regadas com o sangue de uma das mais illustres victimas das discordias civis na Hespanha, o fidalgo e valoroso Zumalacárregui, resoava um alegre repique de sinos, os sinos do templo de Begonha.

Os nossos viajantes caminhavam pelo Ibaizabal acima, mas detiveram-se quando chegaram a um rodeio, do qual se descobrem, por primeira vez, a villa e o afamado sanctuario.

Aquelle rodeio tem o nome de Salve, porque, ao chegarem alli, os piedosos aldeãos que se dirigem para a villa, descobrem o sanctuario e param para saudar a Mãe de Deus com a mais bella e terna das orações christãs.

Nas aprazíveis manhãs da primavera e estio, os moradores de Madrid dormem, porque se deitam á meia-noite ou mais tarde; mas os moradores de Bilbáo acordam ao romper do sol ou antes, porque se foram deitar ás nove ou dez horas da noite.

Assim, em tão formosas estações, é muito commum ver, ao raiar do sol, ou pouco depois, os bilbaínos mais distinctos respirando o aroma das flores, e as salutares e agradaveis auras matutinas nos passeios publicos, e principalmente na frondosa alameda e nos jardins do Areal.

Quando Catalina e seus filhos chegaram ao Areal, innumeras pessoas passeiavam n'aquellas deliciosas umbrias.

Todos se tinham apeado no proximo Campo de Volantim, e em quanto Miguel conduzia as cavalgaduras a uma estalagem, os demais passeiavam nos jardins.

De repente encontraram-se com um mancebo, cuja presença fez com que Soledade exhalasse um grito, não sabemos se de surpreza ou de alegria: era D. João.

D. João aproximou-se para comprimentar os aldeãos. Soledade, cujas faces se tinham acarminado ao vêl-o, e cujos olhos se abaixaram timidamente para a terra, apenas acertou em responder ao seu comprimento.

— Por que não foi este anno, como o passado, á romaria de Santo Antonio? lhe perguntou Catalina.

— Estive doente por aquella epocha, respondeu D. João. E as senhoras vem á festa da Virgem de Begonha?

— Sim, senhor, vimos cumprir uma promessa e deixar Soledade alguns dias em casa de seus tios, para ver se se distrahe e melhora.

— Soledade parece, com effeito, alguma coisa doente.

— Viu como ella estava formosa o anno passado por Santo Antonio. Poucos dias depois começou a entristecer, a entristecer, e tristeza foi que a pobresita não levantou mais cabeça desde então.

— Sinto-o muito.

— Agradecida, responderam Catalina e Soledade, a ultima com certa ironia que D. João observou.

Miguel vinha já ao encontro de sua mãe e de seus irmãos, depois de deixar as cavalgaduras na estalagem, e Catalina despediu-se de D. João.

Este deu alguns passos para o lado de Soledade, a quem disse baixinho:

— Necessito provar-lhe que não a esqueci, apesar de não ter voltado á aldeia. Todos os dias subo a Begonha para a missa das seis horas, e alli nos veremos se quizer ouvir-me antes de me condemnar.

— Estarei alli, se podér, respondeu Soledade, e afastou-se de D. João para seguir sua mãe e seus irmãos.

Duas horas depois Catalina e seus filhos estavam ajoelhados defronte do altar da Virgem de Begonha.

Corriam copiosas lagrimas pelas faces de Soledade. Quem sabe os pensamentos e as esperanças que se agitam no fundo do coração da menina, que com a alma ferida pelo amor e pelo desengano se ampara sob o manto misericordioso da Mãe de Deus!

Depois de ouvir missa, rezar e desafogar a alma no templo, Catalina e seus filhos percorreram os campos que rodeiam o sanctuario.

A multidão, alegre, buliçosa e feliz, movia-se por todas as partes; mas baldadamente os olhos de Soledade procuravam alli aquelle objecto por quem eram, sem dúvida, as lagrimas que tantas vezes os tinham abrazado.

Chegou a tarde, e Catalina e seus filhos tornaram á santa collina de Begonha, onde a multidão era ainda maior, e maior a animação; mas tambem os olhos de Soledade não conseguiram descobrir alli o objecto que anciosamente procuravam.

No dia seguinte, antes de romper o sol, Catalina regressava á aldeia, deixando Soledade em Bilbáo.

(Continúa)

CONCHA MADRE-PEROLA

PESCARIA DAS PEROLAS NOS BANCOS DA ILHA DE CEYLÃO

Os modestos productores d'esse precioso e lindo enfeite, com que a formosura das damas mais realça, são duas especies de molluscos acephalos, dos generos *avicula* e *unio*. Porém a grande e bella concha oriental, que fornece ao commercio as mais valiosas perolas, e á industria materia prima para tão variados, graciosos e ricos artefactos, pertence ao primeiro d'aquelles generos.

O illustre legislador da natureza, o grande Linneo, denominou esta concha na linguagem scientifica *avicula margaritifera*. Depois Lamarck, tirando do genero *avicula* certas especies, fez d'estas o genero *pintadina*, e deu á concha madre-perola, como typo d'elle, o nome de *pintadina margaritifera*. Porém outros naturalistas modernos entenderam que não havia razão para uma tal reforma. Por este motivo se encontra esta concha com aquelles dois nomes nos livros de historia natural.

A madre-perola, chipo ou concha peroleira, pois todos estes nomes se lhe dão em linguagem portugueza, é uma concha bivalva [1], achatada, de fórma arredondada, externamente escamosa, e deixando ver, mais ou menos distinctamente, aquelle bonito furtacôres que todos conhecem nas obras de madre-perola. Interiormente é lisa, ou com algumas protuberancias, lustrosa e resplandecente, com a côr geral similhante á das perolas, mas tambem mostrando, nos reflexos da luz, as donosas e vivas côres do iris. O industrioso artifice e morador d'esta habitação esplendida é muito parecido com o mexilhão, e tem barbas como este.

1 Concha formada de duas valvas, que se abre e divide em duas partes.

As perolas são formadas de secreções do animal, e tem tres diversas origens. A mais commum provém de uma doença do mollusco, o que está reconhecido geralmente e demonstrado com experiencias. A enfermidade, occasionada, segundo parece, por feridas, que accidentalmente fazem ao animal quando abre a sua concha e se expande, quaesquer corpos estranhos que o movimento do mar arremessa contra elle, produz amiudadas secreções, que se vão conglutinando e endurecendo pouco a pouco até ficarem solidas, e n'este estado formosas perolas. Dizem que esta operação leva sete annos, e que se a concha não é pescada quando se aproxima o fim d'este praso, ao cabo d'elle desprende-se a perola do mollusco, e, apenas este abre a sua concha, rola a preciosa joia para o fundo dos mares.

Se algum grão de areia entrar casualmente dentro da concha, as ditas secreções, adherindo a elle, endurecem mais promptamente, e em menos tempo formam a perola.

A terceira origem dá-se do seguinte modo: quando algum mollusco carnivoro, procurando atacar a madre-perola, lhe fura a concha ou despedaça qualquer parte d'ella, o animal atacado trata logo de reparar a avaria que fizeram na sua morada. Tapa cuidadosamente os buracos, concerta e substitue as partes quebradas com varias camadas das referidas secreções. Estes concertos não ficam lisos; antes, pelo contrario,



Concha madre-perola com uma madrépora de longos alveolos adherente á valva superior

as differentes camadas de secreções applicadas em estreito logar deixam umas certas protuberancias, uns como grãos, que se vão desenvolvendo e augmentando, até que se desligam da concha e apparecem perfeitas perolas.

Á vista d'isto melhor será dizer que a origem das perolas é uma só: a enfermidade que produz as secreções do animal, e que os processos da formação é que diversificam.

As perolas formadas sobre algum grão de areia entrado na concha são mais redondas e mais perfeitas que as outras, pela razão de serem criadas em liberdade, sem mostrarem depois os signaes da adherencia á concha, o que prejudica de algum modo a belleza das perolas, obrigando depois os artistas a muito trabalho e cuidado para lhes tirarem simillhante defeito.

Linneo, reconhecendo que as perolas eram o resultado da doença do animal, proveniente de ferida, lembrou-se de crear viveiros d'estes molluscos na Suecia, com o fim de promover artificialmente o desenvolvimento das perolas. Deu principio, pois, a este estabelecimento em um ponto da costa da Suecia que mais apropriado lhe pareceu, onde lançou uma grande quantidade de molluscos do genero *unio*, que se encontram em todos os mares da Europa, e que tambem, pela mesma causa, produzem as perolas. Aquelle distincto naturalista colheu algum fructo da sua empreza; porém não foi tal que compensasse as despezas do negocio. Forçado, por conseguinte, a abandonar o seu estabelecimento peroleiro, obteve a vantagem, que é sempre importante para um homem de sciencia, de conhecer ou certificar-se por experiencia propria de um segredo da natureza, qual o da formação das perolas.

A gravura que acompanha este artigo mostra a concha madre-perola, meia aberta, tendo adherente sobre a tampa, ou valva superior, uma *madrépora de longos alveolos* [1]. Aos molluscos que vivem estacionarios, presos ás rochas, acontece muitas vezes estabelecerem-se-lhes sobre as conchas e ahi se fixarem e desenvolverem differentes variedades de zoophitos.

A concha madre-perola chega a ser bastante grande. Possuimos um exemplar como o maior prato so-

[1] Vid. o artigo — *Madréporas* — a pag. 108.

peiro; e, todavia, muitas conchas se encontram com dimensões superiores a estas, tendo algumas 30 centimetros, e até mais, no seu maior comprimento.

A concha madre-perola acha-se em mais ou menos abundancia em todas as costas do continente e ilhas banhadas pelo oceano Indico. Jazem, como as ostras, em grandes bancos que tem por base rochas, proximos das costas e em maior ou menor profundidade. Os bancos mais ricos que se conhecem são os que existem nas visinhanças da ilha de Ceylão [1]. Distam estes da praia uns 25 kilometros, e correm pelo lado de oeste da ilha, na profundidade de 21^{m}. O mais consideravel d'estes bancos occupa um espaço cuja extensão é calculada em 30 e tantos kilometros. É, por consequencia, n'este ponto que se faz annualmente a mais concorrida e importante pescaria das perolas, e das conchas, tambem preciosas, que lhes servem de seu primeiro e natural estojo. É tão curiosa esta pescaria, sobre tudo pelas circunstancias que a acompanham, e os seus productos constituem um ramo tão importante de commercio, que nos parece que a descripção d'ella poderá ser agradavel a muitos dos nossos assignantes que não tenham conhecimento do modo por que se exerce na India aquella proveitosissima industria.

A pesca das perolas data da mais remota antiguidade. Refere a historia que os principes do Oriente, em seculos já muito afastados d'aquelle em que D. Vasco da Gama descobriu a carreira da India, procuravam com vivo empenho este adorno, fazendo consistir as suas mais esplendidas galas na infinidade de perolas com que enfeitavam os vestidos e guarneciam as armas.

Antes da conquista de Ceylão pelos portuguezes, em 1518, a pesca das perolas era propriedade do sultão, soberano da ilha. Os conquistadores, occupados com os negocios da guerra n'aquelle vastissimo theatro das nossas glorias, que abrangia uma grande parte da Asia e da Africa, e além d'isso entretidos com mais faceis e promptas colheitas, não tiraram toda a vantagem que podiam da pescaria das perolas. Entretanto, sob o seu dominio vieram para Lisboa importantes remessas de perolas. Os hollandezes, durante o tempo que foram senhores d'aquella ilha, fizeram monopolio d'esta pesca. Os inglezes, a seu turno dominando Ceylão, seguiram, até certo ponto, o exemplo que os hollandezes lhes legaram. Não estabeleceram a pescaria por sua contar, mas reservaram para si o direito de regularem esta industria como uma fonte de riqueza do estado.

Dividiram toda a extensão do banco peroleiro em sete partes, pouco mais ou menos eguaes. Todos os annos, quando se aproxima a estação propria para a pesca, é posto em hasta publica, e arrematado a quem offerece maior preço, o privilegio de ir pescar, durante a referida estação, á parte do banco peroleiro designada no começo do leilão. Este descanço de sete annos que se dá a cada uma das partes em que dividem o banco, tem por fim a conservação d'aquelle manancial de riqueza, não só evitando que seja completamente anniquilado, mas tambem proporcionando áquelles molluscos o tempo necessario para se reproduzirem, e assim repararem as perdas occasionadas pela ultima pescaria.

Nos primeiros dias de fevereiro reunem-se na bahia de Condatchy todas as embarcações que se destinam áquella pesca. É muito interessante a perspectiva que então offerece a bahia e a visinha praia. Aquelles logares desertos transformam-se em duas grandes e mui animadas povoações, uma sobre as aguas do mar, dentro de uma infinidade de embarcações, de todos os tamanhos e feitios; a outra acampada no extenso areial, em milhares de cabanas, feitas de troncos de arvores e bambús, entrelaçados e cobertos com palmas de coqueiro. Concorrendo alli não só os naturaes da ilha de Ceylão, mas tambem gentes de diversos paizes da Asia, a variedade dos trajos, em que predominam côres alegres; a diversidade de linguas em que se exprimem; as differentes canções populares que a todo o momento entoam, acompanhadas de musicos instrumentos, tão variados e exquisitos nas fórmas como nas vozes; tudo isto produz um effeito mui pittoresco e divertido, que faz realçar sobremaneira a belleza do quadro geral.

Ás dez horas da noite um tiro de canhão dá o signal da partida, e immediatamente todas as embarcações largam em direcção ao banco para começarem a pesca ao romper d'alva.

Para manter a ordem, fazer a policia e vigiar pelo cumprimento das condições do contrato de arrematação, vão alli fundear alguns navios de guerra inglezes.

As embarcações da pesca, apenas chegam á paragem que lhes está designada, lançam ferro, e as companhas logo tratam de dar começo aos seus trabalhos. Consta a companha de cada barco de um capitão, piloto, dez remadores, e dez buzios ou mergulhadores, que se dividem em dois turnos, de cinco cada um, a fim de se revezarem, mergulhando um turno em quanto o outro descança. Cada mergulhador leva ligada a si uma bolsa ou saco de malha, ou cabaz, para metter as conchas, uma corda a que vae presa uma pedra para o ajudar a descer ao fundo do mar, e outra corda, cuja ponta superior fica amarrada á embarcação, para que d'alli o suspendam e tirem d'agua assim que dá signal para isso. A bolsa ou cabaz vae tambem presa a uma corda, que pende do barco, e que um dos remadores conserva na mão para a puxar quando debaixo lh'o indicarem.

Assim preparado e munido de uma navalha para despegar as conchas, e, em caso de necessidade, para se defender de algum tubarão, inimigo que não é raro em taes paragens, lança-se á agua o mergulhador, e, com o peso da pedra que leva amarrada aos pés, desce promptamente ao fundo do mar, em uma profundidade que varía entre 8 e 18 metros.

Exercitados n'estas lides desde a infancia, são admiraveis na destreza com que apanham as conchas, na brevidade com que enchem o cabaz, e na rapidez com que, largando a pedra que tem presa aos pés, e marinhando pela corda que está segura ao barco, sobem á superficie da agua para tomarem folego e descançarem na embarcação. Todas estas evoluções e trabalhos são feitos em quanto se rezam dois credos, como refere um portuguez que, durante dezenove annos que residiu em Ceylão, foi muitas vezes testimunha d'estas scenas.

Contam-se muitas fabulas ácerca do tempo que estes famosos mergulhadores podem estar debaixo d'agua. Apesar de fazerem d'este exercicio profissão de vida, e dos esforços e estudos que empregam para se conservarem no fundo do mar o maior espaço de tempo possivel, não conseguem demorar-se mais de dois minutos, sendo raro o que alli póde permanecer tres minutos.

Dissemos acima que corria perigo de serem perseguidos pelos tubarões, e como todos os povos asiaticos são excessivamente supersticiosos, nenhum mergulhador se atira ao mar sem levar comsigo algum bentinho, que reputa milagroso e com virtude de afugentar a todos os monstros marinhos. Entretanto, é a sua boa navalha, e a muita destreza e agilidade com

1 A ilha de Ceylão está situada ao sul do Indostão, á entrada do golpho de Bengala; e é separada do cabo Comorim por um estreito de 240 kilometros de largura. Tem esta ilha de comprimento 450 kilometros, e de largura 300. A sua população excede 1.500:000 almas. Os portuguezes estabeleceram-se no litoral d'esta ilha em 1518, e tiveram o dominio d'ella até 1632, em que foram expulsos pelos hollandezes, que a dominaram até 1795. N'este anno foram expulsos a seu turno pelos inglezes, que se apossaram definitivamente de toda a ilha em 1814, depois de prenderem e levarem captivo para a cidade de Madrasta o ultimo soberano d'aquelle paiz.

que a manejam, quem os salva de serem devorados quando apparece e os accommette algum tubarão, o que é pouco commum, não por haver falta d'elles, mas talvez porque a bulha e algazarra que fazem as companhias de tantos centenares de barcos os intimidam e afugentam.

Os mergulhadores tiram de cada vez que mergulham obra de cincoenta conchas, e podem repetir esta operação vinte vezes, e mais, durante a manhã. Porém não é raro, ao cabo de similhante lida, sairem d'agua a deitar sangue pelo nariz e pelas orelhas.

Entre as onze e meio-dia, hora em que principia ordinariamente a soprar a brisa que agita o mar, obstando á continuação dos trabalhos, um tiro de peça, dado por um dos navios de guerra, annuncia que está acabada a pesca por aquelle dia, e que devem regressar todas as embarcações ao ponto d'onde partiram.

Chegada a esquadrilha á bahia de Condatchy, correm logo á praia, ao encontro dos pescadores, innumeravel multidão de homens, mulheres e rapazes, que vão ajudal-os a descarregar os barcos. As conchas são levadas para dentro de espaçosos cerrados, descobertos, feitos de basta estacaria entretecida com bambús, e alli as lançam em covas de 30 a 60 centimetros de profundidade, ou as estendem sobre esteiras, segundo julgam mais conveniente, de modo que o sol faça apodrecer o mollusco, e facilite a abertura das conchas e a extracção das perolas.

O grande ardor do sol n'aquella região promptamente realisa a operação desejada; e póde fazer-se idéa de quão nauseabundo e intoleravel ha de ser o fedor produzido pela decomposição de tantos milhões de animaesinhos alli accumulados. Todavia, não é prejudicial á saude, como tambem o não é em o nosso paiz a decomposição dos caranguejos e pequenos peixes empregados como estrume, em enorme quantidade, nas terras do reino visinhas da costa do Oceano.

Assim que a putrefacção está effeituada, vão lançando as conchas em grandes arcas ou tinas, mui compridas, com agua do mar, collocadas dentro do mesmo cerrado, e ahi se faz a extracção e lavagem das perolas com muita facilidade. Em quanto dura este trabalho estão junto á extremidade das arcas duas pessoas de confiança dos arrematantes para vigiarem os trabalhadores, a fim de que não furtem alguma perola; e ao mesmo tempo andam outros vigias por detraz, ora a observarem os movimentos dos trabalhadores, para maior fiscalisação, ora a verem se ficou alguma perola nas conchas que estes deitam fóra. Mas, apesar d'estas precauções, e de ser prohibido aos trabalhadores levarem a mão á boca, para evitar que elles engulam as perolas, sempre se desencaminham algumas.

Concluido este trabalho da extracção, e lançadas fóra das arcas todas as conchas, procede-se á lavagem das perolas, passando-as por agua limpa, onde se escolhem as maiores, que logo cuidadosamente se enxugam e guardam. As immediatas a estas em tamanho são postas ao sol a enxugar sobre toalhas brancas, e o resto é tirado e enxugado á parte por mulheres.

Segue-se depois a classificação das perolas, a qual se faz por meio de tres crivos encaixados uns nos outros. O crivo superior tem os buracos maiores que os dois inferiores; e o mesmo acontece ao segundo em relação ao terceiro. As perolas que não passam pelos buracos do primeiro crivo constituem a 1.ª qualidade; são da 2.ª as que o segundo crivo retem; da 3.ª as que não podem passar pelo terceiro crivo; e, finalmente, da 4.ª as que este deixa escapar.

A ultima operação d'estas lides é a avaliação das perolas, para depois serem expostas á venda. Os peritos assignam a cada uma differente valor, em conformidade com o tamanho e mais condições de belleza que apresentam, taes como a regularidade, lisura, lustre e côr. N'esta ultima condição, porém, é muito vario o apreço publico, porque na ilha de Ceylão estimam mais as de côr rosada; em diversos outros paizes da India preferem as amarelladas; e na Europa dão a primazia ás de um branco muito puro.

Durante o curso d'estes trabalhos continúa a concorrer gente áquella praia. Agora, porém, não são trabalhadores que alli vão em procura de um miseravel salario; mas sim commerciantes que acodem á compra das perolas, e vendedores de todo o genero de comestiveis e bebidas, e de muita variedade de fatos e de outros artigos de uso domestico. Assim se transforma aquella praia em um mercado de perolas, e em uma grande e concorridissima feira de productos agricolas e industriaes, á qual afflue gente de muitas e longinquas terras. Multiplicam-se e arruam-se as cabanas, fabricadas do mesmo modo que indicámos; e n'esta cidade improvisada reina extraordinaria animação, gira muito dinheiro, e fazem-se importantes transacções, principalmente em perolas. Para que se faça idéa do movimento e bulicio que haverá n'aquelle local, diremos que se orçam em cem mil as pessoas que alli se reunem.

Porém, acabada a quadra da pescaria, desapparece d'alli toda aquella immensa multidão, e fica a praia outra vez deserta. Os temporaes vão derrubando as cabanas abandonadas, até que no seguinte anno se tornam a levantar.

Os lucros da pescaria das perolas são incertos. Avultam muito se a monção correu favoravel, isto é, se as manhãs se apresentaram serenas e calmosas. Mas se se levantaram ventos, as proprias brisas que sejam, pois sempre agitam o mar, principalmente nas proximidades dos bancos, a pesca pouco produz, e o seu resultado mal poderá dar para as grandes despezas a que obriga.

I. DE VILHENA BARBOSA.

ALBUM

Dá-se este nome ao caderno ou livro cujas paginas brancas são destinadas a receber o que se quizer escrever ou traçar, prosa ou verso, musica ou desenho.

Um *album* cheio é a collecção mais incoherente que se póde imaginar; formada sob a influencia do acaso, é uma miscellanea, um mosaico; é, litteralmente, um livro sem principio nem fim, ou, como dirá o vulgo, sem pés nem cabeça.

Qual é a origem do *album?* Póde-se dizer que foi a mesma do diario de viagem. Lembraram-se viajantes curiosos de convidar as pessoas com as quaes tiveram relações, nas cidades em que descançavam, para lhes deixarem no diario de viagem algum signal de seu talento, e d'ahi proveiu o uso; mas, em todo o tempo, o diario não passou de um caderno exclusivamente destinado a receber o que os estranhos queriam traçar-lhe. E assim é o *album*.

Algumas pessoas de vida sedentaria, principalmente as damas, adoptaram este costume, que importaram da Allemanha para a França no começo do actual seculo, e d'alli se diffundiu pelas outras nações européas, que, não se lembrando de averiguar os usos germanicos, não deixam, todavia, de seguir as modas francezas.

Uma senhora elegante, que saiba ter sempre conta saldada com a moda, não socegará em quanto os seus conhecidos — ou os mais afamados — pintor, musico, poeta e orador, não contribuam para lhe encher as paginas brancas do *album*.

É razoavel desconfiar, em geral, da prosa ou do verso de um *album;* as tres quartas partes, quando menos, constituem apenas um livro obrigadamente

composto para a santa cujo nome vem na frente. Mas n'este livro, como nos outros, encontram-se por vezes bellas imagens. Quando algum artista celebre experimentar o lapis ou o pincel em um *album*, desde esse momento dar-lhe-ha valor muito mais subido que o que possa ter qualquer outro livro.

O *album* que encerrar poesia ou prosa escripta da propria mão de Alexandre Herculano, Mendes Leal, Thomaz Ribeiro e outros escriptores tão afamados como estes, é uma coisa curiosa; porém, se o *album* comprehender, além d'isso, o desenho de um artista celebre, será um objecto precioso.

Deu-se egualmente o nome de *album* ao livro destinado a receber collecções de retratos ou vistas photographicas, e rara é hoje a casa onde se não encontra sequer um para guardar a vera effigie das pessoas da familia.

Ora o livro que deve conter tantas riquezas e preciosidades é geralmente fabricado com particular cuidado: a encadernação de um *album* não póde deixar por isso de ser muito boa e primorosa. O veludo, a seda, o marroquim, o *chagrin*, empregam-se sempre n'estas encadernações; e muitas vezes o oiro, a prata, as pedras finas, vão realçar os fechos, os cantos e o centro das capas. Os *albuns* mais ricos não são, comtudo, os mais estimados: a sua magnificencia, como a de certos vestidos, póde porventura occultar um corpo sem espirito.

O nome de *album* [1] deu-se, ou ainda se dá, tambem em França a uma das columnas do registo em que se assentava o bom ou o mau relativo a cada individuo. A columna do bom chamava-se *album*, por contraposição á do mau, que tinha o nome de *nigrum*. Foi com este registo que em 1796 um famoso demandista conseguiu estabelecer uma balança publica das reputações.

Ha no governo civil de Lisboa um zeloso empregado que, a proposito d'estas idéas, nos disse que, sobre tudo para os criminosos, este registo, a que elle dava o nome de *livro negro*, era absolutamente indispensavel, pois que poupava muitos passos á policia e a auxiliava em suas importantes averiguações. E este registo existe alli perfeitamente coordenado pela solicitude, aliás muito louvavel, do dito empregado.

B. A.

1 Para que isto não pareça estranho, lembraremos que, nos tempos antigos, *album* significou *registo publico*, pois vemos que Cicero emprega esta palavra com a significação de *annaes* ou *taboas brancas*, para inscrever os successos. Tacito usa-a como synonymo de *rol* ou *lista*.

A GRUTA DAS TRES GEMEAS

(LENDA)

Eram tres gemeas lindas e formosas, como tres anjos que Deus mandasse peregrinar pela terra. Pallidas rosas sustidas na mesma haste, se algum dia a tormenta as fustigasse com o seu latego de fogo, dobrariam ao mesmo tempo os collos gentis. Eram debeis, ethereas, vaporosas, como as visões de Fingal. Eram tres lampadas de fino alabastro, de fórmas mimosas e delicadas, allumiadas pela mesma luz interior.

Quem as visse enlaçadas, encostando as cabecinhas airosas, e confundindo lagrimas e risos, receios e esperanças, julgára ter evocado as tres graças da velha Grecia envoltas no nevoeiro diaphano da poesia septentrional.

As longas madeixas, loiras e soltas, que as cobriam como uma tunica virginal, pareciam raizes que as prendiam á terra, para que as almas não ascendessem tão cedo ao ceo.

Contavam quinze annos apenas. Estavam no desabrochar da vida, no primeiro florir da primavera. É então que os botões de rosa começam de abrir as pétalas para receberem no casto seio o rocio de amor.

Uma tarde em que as nuvens corriam pelo firmamento como negras crinas de invisiveis corceis, e em que o vento zunia pelos fraguedos soltando os terriveis lamentos da natureza angustiada, estavam as tres gemeas em uma gruta aonde a furia do mar debalde vinha embater. Herminia, limpando a furto uma lagrima, disse:

— Rosa, tu amas? Tu amas tambem, Luiza?

— E tu, Herminia, tu tambem amas? ciciaram as duas donzellas.

E cada uma das virgens, córando de pejo e pudor, escondeu o rosto no seio da outra, aonde podia escutar o pulsar ancioso do coração.

— Todas tres amâmos, disse por fim Luiza.

— Quem amas tu? exclamou Herminia.

— E tu, Rosa? e tu, Herminia? interrompeu Luiza.

— Arthur, o gentil cavalleiro, responderam ao mesmo tempo Herminia e Rosa.

— Arthur, murmurou tambem Luiza como o echo plangente de um cemiterio.

— Meu Deus! Meu Deus! Meus Deus! todas amâmos Arthur, o gentil cavalleiro!

E as virgens ajoelharam, e soluçaram tão tristes, tão tristes, que nem ousavam erguer os olhos ao ceo.

— Não! eu não amo Arthur, o gentil cavalleiro, disse Luiza apertando o peito, que se lhe confrangia de dor.

— Eu tambem não, rumorejou Herminia soltando um suspiro.

Rosa não respondeu, mas ouviu-se-lhe um soluço que parecia o estalar da ultima fibra do coração.

Passaram instantes de dor e soffrimento.

Pendidas as cabecinhas gentis, cada uma das virgens deixava deslisar as lagrimas, debalde enxugadas pelas tranças loiras.

E a tormenta rugia ao longe, e as ondas encapellavam-se furiosas e luctavam revoltas com os rochedos da praia, como legiões de demonios embravecidos.

De repente brilhou no firmamento um relampago immenso, e medonho estampido reboou na amplidão.

As folhas séccas, impellidas pelo vento, alevantavam-se em densos turbilhões, e revoavam como um bando de aves negras.

As tres gemeas ergueram-se n'um impeto e exclamaram:

— É a morte que chama por nós. Morramos todas, já que a felicidade de uma seria a desgraça de duas. Busquemos na morte o noivado, nas ondas o leito de nupcias! Eia! Vamos á morte, ao livramento! Sejam as negras algas do mar as flores de laranjeira do nosso negro hymeneu.

E as virgens, enlaçando os corpos formosos, deram o beijo derradeiro e despenharam-se no abysmo undoso, gritando ainda:

— Arthur! Arthur! Arthur!

Dissipou-se logo a procella. As densas e escuras nuvens, que similhavam funebre docel, dissiparam-se por encanto. As ondas socegaram, e, levemente encrespadas pela brisa suspirosa, receberam no seio as candidas virgens.

. . . .

Desde então, quando a tormenta está prestes a estalar e as aguas revoltas se agitam em convulsões, quem se aventurar pela crista dos rochedos que tornejam a gruta das tres gemeas, verá tres corpos virem boiando por sobre a fimbria das ondas embravecidas até descançarem na gruta.

Ouvirá depois umas vozes argentinas por entre o fragor da procella, exclamando:

— Arthur! Arthur! Arthur!

E logo apoz as tres virgens se despenharão no abysmo.

O mar, como que compadecido de tanta desgraça, applacará as suas furias.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.